

## BELO HORIZONTE NOS SEUS PRIMEIROS TEMPOS

Duflío BATTISTONI FILHO

Desde criança, quando pensamos em Minas Gerais, logo vêm à mente a idéia de montanha, o sabor da culinária, como o tutu à mineira e, principalmente, a lembrança das cidades históricas como Sabará, Ouro Preto, São João del Rei e tantas outras. No imaginário brasileiro são fortes as imagens, sons e sabores da tradicional cultura mineira. O Estado tem sido historicamente um berço pródigo de inúmeras personalidades que se destacam em diversos ramos do saber. Ainda ecoam em nossos ouvidos o processo e a força de Tiradentes. Na literatura, lembramo-nos da tradicional escola clássica mineira; e nos tempos atuais, mestres do porte de um Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Adélia Prado, sempre nos encantam. **Nas cidades de Minas em cada esquina existe um bom poeta**, como assevera o escritor Jorge Fernandes dos Santos.

Por tudo isso e como preito a este grande estado brasileiro vamos analisar as origens de Belo Horizonte. A construção da nova capital significou a ruptura definitiva com a tradição colonial. A idéia da mudança da capital de Minas Gerais remonta à Inconfidência Mineira no final do século XVIII; volta, às vezes, durante as sessões da Assembléia Provincial, tomando corpo frente às tendências separatistas com o advento da República. Ouro Preto, sede do governo desde 1720, quando foi criada a Capitania de Minas Gerais, graças à sua grande produção aurífera, não se revelava adequada, para a civilização moderna.

A preocupação oficial é criar um centro unificador tanto dos novos pólos econômicos como das zonas mineradoras desativadas. Os

debates acirrados sobre a localização da nova capital são marcados detalhadamente nos textos da época.

O Congresso Constituinte decreta a mudança em 1891, mas não determina o local, objeto de estudos de uma comissão liderada pelo engenheiro **Aarão Reis**. A lei de 17/12/1893 determina a mudança para outro local, que passa a ser chamado de Cidade de Minas até 1901, quando recebe a denominação atual, Belo Horizonte. O prazo de inauguração da nova capital de Minas foi de quatro anos. Em um texto de 1894 diz que **a área apresenta-se como vasto e elegante anfiteatro cujo acesso está voltado ao Oriente e cujo âmbito é formado pelas duas serras do Curral e da Contagem.**

Até 1890, Belo Horizonte, chamada de Curral d'El Rey - rota dos bandeirantes no século XVIII e ponto de encurralamento e tributo do gado vindo do alto sertão - mantém a fisionomia típica dos demais arraiais mineiros: casas baixas, com paredes de barro, adobe ou taipa.

Aarão Reis, responsável pelos estudos preliminares do local é convocado para dirigir uma comissão que dê logo início às obras. Em fevereiro de 1894, contando inicialmente com 194 técnicos e funcionários, instala-se em Curral d'El Rey a comissão construtora da nova capital, cuja organização de trabalho se distribui por seis grandes divisões de serviço: Administração Central, Contabilidade, Escritório Técnico (Arquitetura), Estudo e Preparo do Solo, Viação, Edificação e Eletricidade.

Na Carta-Relatório de 1895, Aarão Reis fala das dificuldades e atritos nas desapropriações de mais de 400 propriedades. **Ives Bruand**, conhecido historiador da arquitetura brasileira, reconhece dois modelos urbanos na concepção de Belo Horizonte: o traçado xadrez, de tradição americana, e a monumentalidade dos espaços, de tradição neoclássica européia de modelo haussmanniano. As avenidas são largas e nos cruzamentos situam-se praças de dimensões e formas diferentes.

De 1895 a 1897 verificamos intensa atividade construtiva nos núcleos administrativo e residencial. Para acelerar a chegada dos materiais de construção, a primeira providência a ser tomada foi fazer a ligação férrea até Sabará, ponto de entroncamento da rede Central do Brasil. O edifício construído para abrigar a estação General Carneiro foi

um local de exibição de máquinas ao grande público e da chegada e circulação dos produtos industrializados.

Ao pedir demissão em maio de 1895, Aarão Reis deixa pronto os trabalhos de infra-estrutura e os projetos para os principais edifícios. Foi substituído por Francisco de Paula Bicalho.

Observamos que o aspecto arquitetônico se renova assim como a nomenclatura das ruas: desaparecem os nomes ligados ao lugar, aos seus habitantes, ao seu trabalho. As denominações tradicionais são trocadas por nomes de estados e rios do Brasil, tribos indígenas, vultos da História e datas célebres da Nação, no intuito patriótico de recordar homens e coisas cujo culto deve viver com veneração na grande alma do povo.

Entre os cinco mil habitantes, em 1895, há um contingente significativo de imigrantes italianos. A vida social restringe-se ao Largo da Matriz da Boa Viagem, por onde, à noitinha, as pessoas transitam para tertúlias e reuniões como as da Farmácia Abreu. Fora do âmbito recluso da igreja e da casa, parques e jardins fazem parte do programa urbano da cidade moderna. Fundada oficialmente em 12 de dezembro de 1897, Belo Horizonte foi planejada para abrigar 30.000 habitantes e com uma projeção para ter 200.000 no século XXI. Hoje, apresenta uma população onze vezes maior, distribuída em 280 bairros.

Projetados segundo o paisagismo pitoresco e romântico, de influência inglesa, o Jardim da Liberdade e o Parque Municipal apresentam alas sinuosas onde se distribuem plantas, águas e esculturas. Em 1909 é projetado o Teatro Municipal semelhante aos arquétipos europeus do final do século XIX.

Com a extensão das linhas de bonde aos bairros periféricos, elas se cruzam na esquina da avenida Afonso Pena com a rua da Bahia, criando o famoso **Bar do Ponto**, saudado por Pedro Nava como o **centro da cidade, de Minas, do Brasil, do vasto mundo**. Das construções oficiais destaca-se o Palácio da Liberdade em cuja fachada principal com loggia no pavimento superior e arcadas no térreo, destaca-se o balaústre dos balcões que se repete nas curvas das entradas laterais e no coroamento do edifício, interrompido no centro por um frontão com um busto que alegoriza a Liberdade. O seu interior apresenta um vestíbulo em mármore de Carrara, madeiramento de pinho da Letônia e a

monumental escadaria **art nouveau** de ferro com ornamentação em folhagens e florões, procedente da Bélgica. As demais dependências do palácio apresentam vários estilos: salão de jantar Luís XV e pinturas alegóricas, além de elementos Renascença e Luís XVI, reconhecidos nas descrições da época.

O dinamismo da fase de construção de Belo Horizonte arrefece após o primeiro decênio, devido ao surto da gripe espanhola e aos efeitos da Primeira Guerra Mundial. Entretanto, com a construção das estradas de rodagem alcançando as demais regiões do estado final dos anos 20, o desenvolvimento dos serviços bancários e das indústrias siderúrgicas consolidam a emancipação financeira e a hegemonia de Belo Horizonte que, finalmente tem o **status** de capital. É a fase do Modernismo. O paisagismo inglês dá lugar ao estilo francês, mais geométrico. Praças são remodeladas, principalmente por ocasião da histórica visita do rei da Bélgica. As residências e os palacetes-comércio conseguem pelo detalhe o **decor autônomo**. Há um **revival** de classicismo-monumental. Os palacetes-comércio apresentam fachadas, principalmente na rua Bahia, que se **acotovelam** para participar da cena cidadina. Os prédios de esquina apresentam modelo haussmaniano, construídos geralmente com funções comerciais - hotéis, bancos, lojas, muitas vezes imóveis de aluguel. Após 1925, nas confluências da avenida Afonso Pena, versões simplificadas de **estilo 1900**, aparecem, como os edifícios do Banco Nacional, Palacetes Guanabara e Estevão Pinto e o prédio da antiga chapelaria Londres, nos quais, despontam as cúpulas, ora com belvedere ora com escotilhas.

Nessa ocasião, o Neocolonial é uma das linguagens arquitetônicas possíveis ao lado dos sobrados **ecléticos** e dos modismos regionais importados - missões, californiano, normando - bem como a nacional **arquitetura marajoara**, derivada de descobertas arqueológicas.

Nos anos 40, o grande destaque ficou por conta do complexo da Pampulha, projetado por Oscar Niemeyer a pedido do então prefeito, Juscelino Kubitschek. É a época de efervescência política e cultural, pois nessa ocasião, renomados intelectuais como Pedro Aleixo, Tancredo Neves, Afonso Arinos, entre outros, freqüentavam a padaria dos irmãos Hugo e José Savassi nas vizinhanças do Palácio da Liberdade. Assistiam também às sessões do cine Pathé.

O Palácio das Artes, o movimento das Praças Sete, o Estádio Mineirão, a serra do Curral - tomada como referência principal da natureza - a Estação Ferroviária, o Parque Municipal e o Parque das Mangabeiras balizam o território afetivo de Belo Horizonte.

A fundação desta capital entusiasmou a elite do país. Machado de Assis nas suas crônicas enalteceu a sua beleza. Guimarães Rosa sempre comentava que ela é a síntese de muitas Minas e das Gerais sem fim.

Hoje, a rua da Bahia não é mais a mesma dos tempos de Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, do poeta Emílio Moura. Já não existe o Bar do Ponto. Vizinho da rua da Bahia fica o Parque Municipal, com o coreto de que fala o romance **O amanuense Belmiro**, de Cyro dos Anjos. Mais alguns passos e estamos no viaduto de Santa Tereza, onde os personagens de **O Encontro Marcado**, de Fernando Sabino, faziam estripulias alta madrugada. Quem gosta de pecado, pode ir a pé à rua Guaicurus, no coração da zona boêmia e visitar o Maravilhoso Hotel, onde uma moça saída dos salões e das festas da tradicional família mineira ficou famosa como Hilda Furacão, personagem do livro de Roberto Drummond e grande sucesso da televisão. E no bairro da moda, o Savassi, tomando um chope ou jantando, podemos ver a grande atração turística de Belo Horizonte: a mulher mineira, de todas as idades, cheia de dengos e mistérios.

Segundo pesquisas de uma importante instituição americana a **Population Crisis Committee**, de Washington, a capital mineira é uma das poucas cidades que apresenta uma boa qualidade de vida na América Latina. Entretanto, nem tudo são flores. Apesar de sua grande importância econômica a Metrópole Mineira possui os mesmos problemas de qualquer centro urbano - trânsito caótico, camelôs ocupando calçadas, violência e problemas de favelas, além das terríveis enchentes durante o Verão.

Apesar dessas adversidades saltam à nossa vista modernos shopping centers e sofisticadas boutiques, bairros novos, centenas de clubes. Afinal, um século é muito pouco para uma cidade que, ao longo desse tempo, não parou um só instante de experimentar o novo, recriar formas, inaugurar caminhos.